



PERIGO DE EXPLOÇÃO

A Naifa, Centro Cultural de Belém (Lisboa), 14 Maio

Texto: Jorge Mourinha

Foto: José Sérgio

Os anos 80 foram a década mágica em que os músicos portugueses perceberam que, afinal, tudo era possível desde que houvesse vontade e desejo de deitar abaixo as convenções e construir uma nova música nossa. Que A Naifa se filiava abertamente nessa estética de reinvenção já era sugerido pelas *Canções Subterrâneas* que há um ano começaram a rodar, invocando em igual medida as ousadias (na altura) incompreendidas de Anamar e Paulo Bragança ao usar a tradição do fado como ponto zero de uma nova música urbana lisboeta. Agora, em primeira de duas noites de final de digressão nacional, perante um Pequeno Auditório do CCB rendido que o derby Benfica/Sporting não deixou esgotar na noite de sábado, A Naifa assume abertamente essa filiação nas versões de «Sentidos Pêssimos» dos GNR (1985) e «Alfama» dos Mler lfe Dada (1987), convocando o estatuto pioneiro de duas das bandas mais inventivas do rock português para explicar aquilo que o projecto de João Aguardela e Luís Varatojo procura abertamente: olhar para o futuro sem perder de vista o passado. Nas palavras de José Mário Silva cantadas em «Perigo de Explosão», «*rebeldes por sistema, a sonhar uma/ revolução por dia*» na esplanada de um Lux reinventado como pioneiro Frágil de há 20 anos.

O club-dub-fado-pop d'A Naifa (propulsionado pela bateria e programações de Vasco Vaz e o baixo sideral de Aguardela, levitado pela abordagem de Varatojo à guitarra portuguesa como solista eléctrico) tem, depois, uma arma secreta. Dá pelo nome de Maria Antónia Mendes, aka Mitó, que, mais que excelente e versátil voz de requiebro múltiplos que vão do fado ao jazz, é notável presença de palco capaz de carnal sensualidade (em «Bairro Velho») e sereno recato interpretativo (no imortal «Meteorológica», ainda hoje o grande momento d'A Naifa). Rezem para que A Naifa nunca grave a sua versão da «Tourada» de Fernando Tordo, que alerta «êxito colossal» a quilómetros de distância; tal opção poderia ser fatal a um projecto que precisa de ser acarinhado ao seu próprio ritmo. E que está no caminho certo para crescer mais e melhor.

AS CHAMAS DO AMOR (BABY)

Captain Comatose, Indústria (Porto), 14 Maio

Texto: Jorge Manuel Lopes

Foto: Cristina Pinto e Pinto

Mesmo com a pressa indie e dos adultos-que-gostam-de-música-a-sério em enterrar a electropop bem longe, o bicho já passou a fazer parte do catálogo de referências estéticas & musicais institucionais da pop cultura – anda por aí, misturado com o ar, mesmo quando não sob a forma de penteados cubistas ou sintetizadores em sobreaquecimento.

A electropop é uma das coisas que estão dentro dos Captain Comatose. Mas não só. Se se pedisse educadamente a Khan (aka Can Oral, na Indústria com visual classe operária em período pós-laboral tipo Paul Rutherford dos Frankie Goes to Hollywood) e a DJ Snax (franzino, afro subalimentada de subúrbio tipo jogador branco do Benfica na época 1977-78, top roubado a irmã mais nova e notoriamente ainda mais franzina) autorização para os abrir à tesourada, certamente que se descobririam bocados do Prince infecto circa *Controversy* ao lado da fixação pop quase marcial dos Human League; ou, no caso da voz de Khan, o efeito de radiações de B-52s emparelhadas com o *Método de Engate Jamie Lidell – Objectivo: Sopeiras*.

Tudo o que Khan e Snax têm para dar, nesta madrugada, é uma sessão de karaoke transformista tímido baseado num curioso álbum passado, *Going Out*, e, a julgar pela amostra, num muito convincente álbum novo, *Up in Flames*. E quando o laptop não coopera, eles desenrascam um bom e velho R&B movido a som de órgão. É o melhor que se arranja em termos de festa sem ser preciso tirar a roupa, e a alta concentração de mulheres com, errr, forte campo magnético está de acordo.

Questões de engenhocas vagamente ultrapassadas, os Captain Comatose lançam-se numa inatacável mega-electro-mix. A certa altura, já o céu ameaça clarear, e quase que se jura que Snax enlatou Jean-Michel Jarre num microchip, obrigando-o a compor em módulo schaffel. «*How well can you fuck when you're down on your luck?*», perguntam a cantar. Eles sabem que nós sabemos que eles não sabem a resposta.

É O JAZZY VIBE, ESTÚPIDO!

Roy Ayers, Casa da Música (Porto), 14 Maio

Texto: Jorge Manuel Lopes

Foto: Cristina Pinto e Pinto

Não é fácil imaginar sítio mais acolhedor para Roy Ayers bater no vibrafone do que a deslumbrante Sala 2 da Casa da Música no Porto. Embora, há que reconhecê-lo, seja fácil imaginar outras pessoas e outros sítios com hospitalidade idêntica e mais dinheiro no bolso – putos e não-putos brancos de Londres; putos e não-putos brancos e pretos de Paris; putos e não-putos amarelos de Tóquio (nem de propósito, Ayers explica por duas vezes que daqui a três horas ele & a banda seguem para o Japão).

Todos os bares e clubes do Porto que vivem da partilha da fantasia de que jazzy vibes, ou jazzy grooves (ou qualquer coisa com «jazzy» no início), têm o mesmo interesse em 2005 que podem ter tido em 1975 devem ter fechado as portas durante a hora e meia de concerto de Ayers. Em sinal de respeito e de falta de clientela. Esta parcela do Maio Jazz 2005 é também a que estabelece a ponte geracional-tecnológica mais vistosa: é o percurso mais rápido dos crate-diggers aos iPodders.

É perfeitamente admissível imaginar que, há muitos anos atrás, alguma música que Roy Ayers & banda aqui apresenta possuísse contundência, sensualidade vertiginosa, um vibrar em sintonia com o tempo e, simultaneamente, com áreas sombrias abertas à exploração. Ainda agora, sobretudo na construção rítmica de uma ou outra canção, há funk blindado e uns ecos de como devem ter sido as dores de parto do disco-sound. Só que hoje, no ano da pouca graça de 2005, muitas luas já passaram sobre o nascimento dessa abominação chamada acid jazz e desse antro de cagança puritana a que não se chamou jazzy-hip-hop (Ayers tem proveito e responsabilidades paternas em ambas; a relutância em admiti-lo é quase uma obrigação protocolar), isto que se escuta na Casa da Música tem a personalidade e a função de música de fundo para restaurantes. Não fosse a adoração colectiva, dir-se-ia que bastava ouvi-la para perceber que foi feita para não ser ouvida.